



Uma Prosa Sobre a Mãe e o Filho

Shay de los Santos Rodriguez

Aconteceu na cidade de Tacuarembó (Uruguay), que nasceu uma criança na madrugada do dia 12 de novembro, no ano de 1997. Foi um planejamento de sua mãe, que, com 15 anos, já era adulta. A mãe desejava ter um filho, um menino. Porém, vivemos em um mundo onde a genitália define o gênero e o sexo, e pelo discurso médico, disseram-lhe: “parabéns, nasceu uma linda menina”. Mesmo não sendo um menino, a mãe já estava completamente apaixonada pelo bebê, e assim vislumbrou que seriam muito felizes e que teriam sempre um ao outro.

Quando já tinha completado 2 anos de idade, sua mãe decide se separar de seu pai, e também resolve ir morar em outra cidade. Em Ansina, uma cidadezinha vizinha que mais parecia uma vila, se iniciavam muitas aventuras. A mãe arrumou um emprego em um mercadinho que ao lado tinha uma pizzaria. Perto da casa nova, a mãe sempre deixava a criança na creche, na qual tinha a matriculado. Na creche, a criança se divertia muito e também observava muitos as outras crianças. Mas a criança também se sentia um pouco afastada das outras crianças, principalmente das meninas, pois muitas vezes não queriam brincar com ela, por acharem “estranha”. Assim, suas brincadeiras eram com os meninos ou então só. A criança era muito criativa, sabia muito bem se divertir sozinha, e sabia que logo logo sua mãe iria buscá-la para ficarem juntas novamente. A mãe e a criança sempre estavam juntas, era muito difícil para a criança ficar longe de sua mãe, mas era preciso estar um pouco separadas, pois sua mãe tinha que ir trabalhar. Até mesmo quando a mãe ia para as festas, costumava levar a criança junto, dizendo: “eu engravidei e eu vou criar”; e assim, aos 2 anos de idade, a criança tinha ido em sua primeira festa e com a melhor companhia do mundo. No entanto, sua mãe era jovem e bonita, e de repente surge um namorado. A criança não gosta muito, pois a mãe era só dela e sempre seriam só elas. A criança não aceita o namorado da mãe e sempre que ele visitava a sua mãe, a criança mijava nas calças, em ato de rebeldia. Mas não funcionou.

Já com 4 anos idade, e em uma escolinha primária, a rotina era acordar cedo, tomar café, vestir o uniforme escolar e ir de moto até a escolinha, e ao meio dia, já estava lá sua mãe esperando de moto para levar a criança para casa. A criança adorava andar de moto com a mãe, gostava muito da sua companhia. Mas muitas vezes não tinha



como a criança ir ao mercado junto com a mãe, e assim surgiu a ideia de chamar uma babá. A criança só aceitava a companhia da mãe, e, em um certo dia, a babá vivenciou um dia extremamente infernal. A criança gritava, chorava, tirava todas as coisas do guarda-roupa do quarto da mãe, quebrou um cano da pia do banheiro que ficou espirrando água sem parar e a babá coitada tendo que arrumar toda a bagunça. Ela fez almoço, e parecia que a criança já estava sem forças para continuar com a tentativa de “sofrência” com a babá, pois a única pessoa que poderia cuidar dela, era sua mãe. A babá, percebendo que a criança tinha comido toda a comida do prato, pergunta: “estava boa a comida?” e a criança responde com um não e comete um ato horrível de cuspir no prato e jogar grosseiramente no chão. Aquele dia não foi um dia formidável para a babá. E na tarde, a mãe chega, a criança já quietinha e feliz em ver sua mãe, e ela já pensa: “o pior já passou, minha mãe já está de volta em casa”. A mãe pergunta para a babá: “como foi o dia hoje? Ela aprontou muito?” e a babá surpreendentemente responde que não aconteceu nada demais e que foi tudo bem. A criança não entende a atitude da babá e se vê confusa com a resposta, pois fez de seu dia um inferno. Mas a mãe não voltou a chamar mais a babá.

Mais um tempinho se passou e nasceu o seu irmão. A criança não fica feliz, pois mais uma vez sua mãe não será só sua. A criança estava percebendo que perdia a sua mãe aos poucos, e que os dias não seriam mais como antes, não seriam só elas. Quando a criança já tinha 5 anos, acontece outra aventura: a mudança para o Brasil. Um país vizinho, mas diferente, com a língua diferente e costumes diferentes. No Uruguai que moravam em cidades, no Brasil se mudaram para o interior, em uma fazenda. A criança tinha que ir de ônibus para escola, que passava na porta de casa as 5:30 e chegava às 7:00 horas na cidade. Passou fazendo esse trajeto por toda a infância e a adolescência. A criança cresceu, aprendeu a ler e escrever em português, quem via, sempre dizia: “nem parece que é do Uruguai, fala tão bem o português”. Agora, como adolescente, muitas coisas já tinham mudado. Quando tinha 13 anos, falou para a sua mãe: “eu gosto de meninas também”. A mãe não soube muito como reagir, foi pega de surpresa, mas não foi rude, foi atenciosa e compreensiva, pois era só uma criança de 13 anos, talvez seja só uma fase. A adolescente sempre tinha muitas amigas e adorava ir na cidade, sua mãe sempre que podia a levava de carro. Quando estavam juntas em casa, adoravam conversar e passar o tempo assistindo filmes, era uma das suas atividades preferidas.



Com 17 anos, a adolescente foi para a faculdade e teve que partir para outra aventura, e ir morar em outra cidade. No primeiro ano de faculdade, a mãe largou o emprego que tinha na fazenda para ir morar com a adolescente, para lhe fazer companhia e a ajudar a se adaptar em um novo lugar e na nova etapa da vida. A mãe muitas vezes ficava sozinha em casa, pois a adolescente estudava em turno integral, e algumas vezes ficava até a noite na faculdade. A mãe sentia muita saudade do seu padrasto e do meu irmão. E no segundo ano de faculdade, a adolescente já com 18 anos e adaptada à nova rotina e vida, a mãe decide retornar para a fazenda e a adolescente foi em uma república de estudantes da universidade. Em um dia, quando a adolescente vai visitar a família na fazenda, chama a sua mãe e fala: “eu sou homem”.

Aconteceu no dia 12 de maio de 2016, o segundo nascimento ou, se preferirem, o renascimento, ou melhor, o despertar. A sua mãe foi a primeira pessoa a saber que ele é homem, foi a primeira pessoa a ouvir da sua boca “eu sou homem”. E de maneira inesperada por ele, a mãe conta um fato que ela nunca tinha lhe falado. Disse que antes de ele nascer ela tinha comprado todas as roupas de cor azul, e que queria ter um menino, e agora estava muito feliz, pois ela tinha tido mesmo um. O garoto de 18 anos, que já tinha cortado o cabelo, o pintou de azul e até os dias de hoje o mantém com a mesma cor, e garante que essa é a sua cor.

Hoje, a mãe e o filho não moram mais juntas. Viveram muitas aventuras e momentos felizes juntas. Mas a vida é confusa e às vezes dói, ela machuca, e separa as pessoas. O filho que antes sofria o machismo, agora conhece a transfobia. E dentro de sua casa com a própria família, não se sentiu mais seguro, respeitado e livre. Percebeu que agora é melhor estar longe, pois não vale a pena estar em um lugar onde sua voz é silenciada. O filho ama muito a mãe e a mãe ama muito o filho, e se perguntam: “será que um dia viveremos juntas novamente?”.

Prosa escrita no dia 16 de maio de 2020 às 22:16 da noite.